

Rev.

1025



Rev. 1031 F14

RENOVACIÃO



Renovação

REVISTA QUINZENAL DE ARTE, LITERATURA E ACTUALIDADES

PUBLICA-SE NOS DIAS 1 E 15 DE CADA MÊS

Director: *Gonçalves Vidal* * Editor: *Alexandre de Assis* * Propriedade da Secção Editorial de «A BATALHA»
Officinas de composição e impressão: *Imprensa Beleza - R. da Rosa, 99 a 107*
Redacção e Administração: *Calçada do Combro, 38-A, 2.º - Lisboa* — Telefone: *Trindade 5 3 9*

Ano I — Numero 1

Lisboa, 2 de Julho de 1925

Renovação



RENOVAÇÃO! Eis uma palavra-programa; símbolo; lábaro. Diz tudo; significa tudo. Erguida ao alto como uma bandeira — arrebatada; deposta no fundo duma retorta ou entre as páginas dum livro — convence.

Nenhuma outra traduz melhor o anseio de perfeição, a embriaguês de beleza, a mística do Ideal. Encanta e intimida; domina e serve. Comove.

As seivas estuando ao longo dos ramos contorcidos das árvores, quando o inverno morre, murmuram — renovação. A alegria nupcial, chispando nos olhos dos amantes, na ância de se darem, canta — renovação. E até no seio das rochas, de eterna e algida serenidade, só o sentimento da renovação vibra e desagrega e agrupa e combina. Renovar é renascer. E' sublimar em pureza, pujar em promessas. Renovar é criar

e recrear. E' a obra máxima dos homens, que fazem mais do que os deuses, porque os geram e renovam. E' a virtude, a unica virtude.

*
*
*

Uma revista que se chama *Renovação* escusa de que se lhe exponham os objectivos. Visa necessariamente à finalidade que tem por moto. Renovar não tem duplo sentido, é só fazer — de novo. Com os mesmos materiais — reconstruir.

No existente sufoca-se. Sufocam todos, oprimos ante os fantasmas dos que foram impotentes face à tirania do passado. Nas ideias reina um torvo formalismo, nutrido de intransigencia; nas artes, o árido culto dum passado doente. Só o definido é aceite em sciencia, como só se admite na moral o preconceito; nos costumes, o consagrado.

Entretanto, a humanidade verte o sangue de todas as paixões, contorce-se na agonia de todas as incertezas, murmura, clama, rugue — por alguma coisa de novo — que a sacie e console.

E' preciso restaurar tudo em beleza. Desvendar novos horizontes ao pensamento. Trazer a arte à comunhão de todos. Não fazer das ideias privilégio duns tantos.

*
*
*

A isso vimos. Não preencher aquela lacuna, sempre vaga, para os que surjem neste campo; mas criar uma necessidade nova aos espíritos; Estimulá-las para a perfeição e para a beleza. Apostalar. No bom combate só é leal quem usa as mesmas armas do inimigo. O passado é ainda o detentor do património da beleza imortal e da grandeza do pensamento humano. Vamos dar batalha ao passado. Arrancar-lhe a presa, para a erguer em triunfo por cima dos corações. Pelas ideias avançadas, doutrinando, pela arte da vanguarda, orientando, pelo progresso da sciencia, divulgando, — combateremos contra o existente, no que êle tem de inadaptavel, e contra o passado no que êle tem de mau, em

prol duma humanidade melhor, digna, sádia, culta, bela. *Renovação* será — esperamo-lo — a ponte de passagem do hoje, desvairado e torpe, para o amanhã, consciente e nobre. Se

renovar é revolucionar, com método, façamos a revolução, com calma. Ponhamos harmonia na desordem. Orgão de cultura do proletariado, que pretendemos ser, os estudos filosoficos e sociais, os problemas scientificos, as

questões de arte, aqui terão a sua crónica, quanto possível, graficamente documentada. Os intelectuais que a sociedade actual

teme e persegue, detesta e seduz, terão aqui um refugio, todos — um refrigério. *Renovação* será um clarim

vibrando revolta, mas será também uma cátedra distribuindo ensinamentos. Será, sobretudo, uma janela aberta para o futuro.

Deixemos entrar o ar fresco da madrugada, que já dealba, e

que virá varrer as trevas de opressão, os miasmas das podridões que fo-

ram!

80 % DE ANALFABETOS!!

**Eis a mais forte barreira que se opõe ao exito
de qualquer tentativa de expansão intelectual.**



ITENTA por cento de analfabetos!

Não mais esqueçamos isto. Não façamos paradoxos, literatura, e meditemos apenas nisto, com uma obseção de todos os dias, de todos os momentos:

Oitenta por cento de analfabetos!

Todos aqueles que sonham com uma vida mais ampla, com horizontes mais largos, com essa transformação profunda, absolutamente necessaria, duma sociedade em decadencia, não podem deixar de encarar este gravissimo, este inicial problema:

Oitenta por cento de analfabetos!

Arredemos todas as iluzões. Ponhamos de parte todos os projectos, e olhemos esta montanha de sombras, contra a qual toda a luz é inutil, todo o pensamento se desfaz, todo o progresso se esborôa.

Olhemos esta muralha onde todos os apelos se perdem, onde toda a voz se extingue como a muralha de um carcere que nos isolasse completamente do mundo. Consideremo-nos um momento emparedados, terrivelmente isolados do contacto com os nossos irmãos, dos nossos companheiros de sonho, da grande massa emfim, que guarda, na primitividade dos seus instintos, toda a nossa esperança duma sociedade melhor, modelada nos sentimentos ainda não contaminados pelos miasmas duma falsa civilização.

Teremos assim a nitida sensação do isolamento, constataremos assim virtualmente a visão da nossa situação de emparedados, porque outra coisa não são aqueles que sonham, que estudam, que intentam derramar luz que se perde nessa montanha de sombras erguida com a consciencia em trevas de oitenta por cento de analfabetos!

Todo o sonho, toda a luta, toda a luz, é limitada ao ambito imposto por essa terrivel muralha.

E' preciso não esquecer nunca a sua existencia. E' preciso sentir bem a inutilidade de todo o esforço, e transformar esse esforço em abater este medonho carcere onde tudo morre tragado pela treva.

Oitenta por cento de analfabetos!

Mas como erguer-se o sonho duma literatura, se esse sonho é abafado nesse carcere de sombras?

Como pode pensar-se um momento no triunfo duma geração de artistas, se eles terão para os escutar a consciencia petrificada de oitenta por cento de analfabetos?!

Como pode tentar-se uma forte reacção, qualquer que ela seja, se uma população tem oitenta por cento de analfabetos a gritar num clamor terrivel:

— Não podemos compreender-te.

— Não sabemos escutar-te.

Oh! E' preciso que todos os artistas, todos os pensadores, deixem penetrar no fundo das suas consciencias este grito espantoso:

— Não sabemos escutar-te.

Não podemos, artistas, pensadores, sentirmo-nos dignificados enquanto esse grito ecoar por todo o paiz.

Essa imensa legião de consciencias embrionarias tem o direito de descrever de nós.

Se não soubermos ter a coragem de deitar a baixo esta muralha que é uma afronta a toda a ideia de progresso; se não tivermos a coragem de fazer desaparecer essa nodoa que é a existencia de oitenta por cento de analfabetos, ficaremos eternamente ridiculos, grotescos de impotencia porque andamos todos a escrever, a pensar, a declamar para uma população imaginaria, porque ela não existe, porque o que existe é uma parede formidavel argamassada em muitos seculos de ignorancia absoluta!

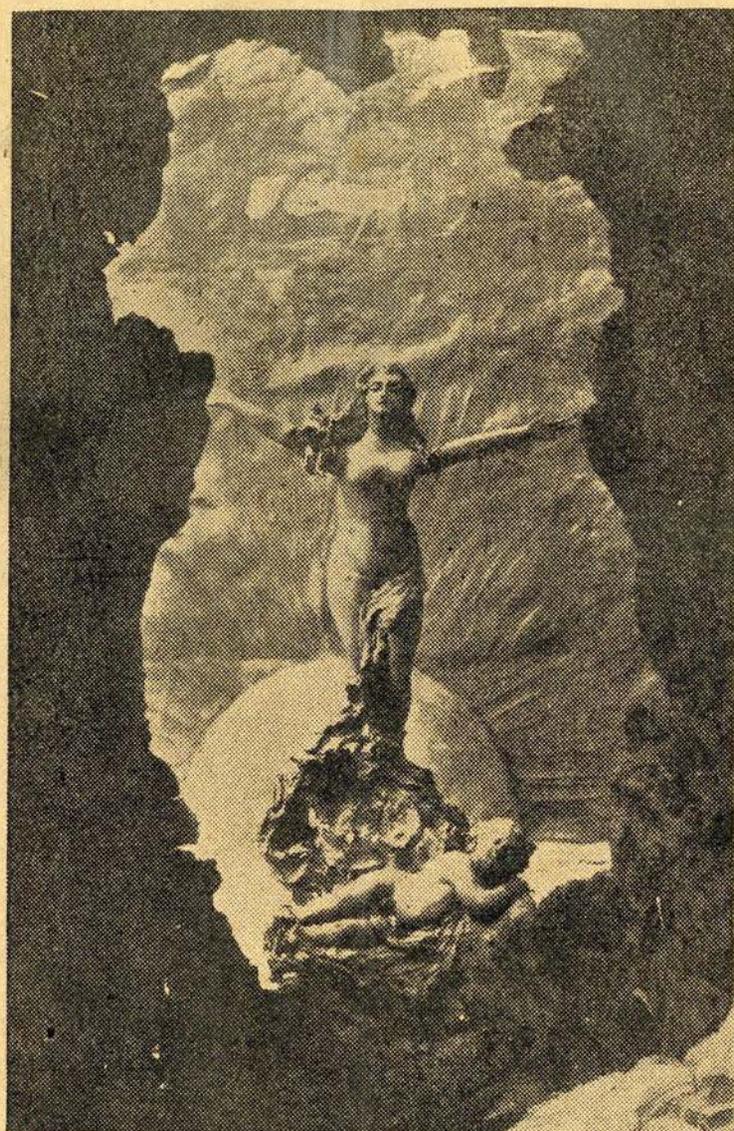
E' junto a essa parede que os nossos livros apodrecem.

E' junto a essa parede que a nossa voz perde a sonoridade.

E' nessa parede que estão escritas as cifras vergonhosas das nossas edições e a justificação mil vezes indecorosa de todos os fracassos de expansão intelectual. Enquanto não apagarmos essas cifras, enquanto não fizermos desaparecer a muralha onde se inscrevem as amarfanhantes justificações do fracasso de todas as tentativas de expansão intelectual, a vida mental portuguesa será sempre um continuo enxovalho para todos os que pensam, para todos os que dão ao labor intelectual as suas maximas energias.

Se a nossa geração, a nossa epoca, quer afirmar-se nalguma coisa de construtivo que a moralize, não podemos mais tempo continuar indiferentes ante o espectáculo tenebroso da sombra projectada pela ignorancia de oitenta por cento de analfabetos!

E. F.



MUNICIPAL DE

Alvorada

Renovação

N.º 1

A CAMINHO DA TERRA DA PROMISSÃO

**E a água límpida brotou da rocha
dura e arida...**

Heliadora: Para ler a Bíblia é preciso ter-se o espírito livre e desempoeirado. As cenas terríveis de beleza que ela nos descreve não podem ser tomadas ao pé da letra. É necessário ter a alma plena de tolerância e bonomia para reduzir os seus gigantes ao tamanho natural e aumentar os pigmeus a volumosa estatura dos gigantes.

Se o nosso espírito vem sendo, como foi o teu, guiado pelos padres e pautado pelo preconceito, a Bíblia surge-nos plena de verdades mesquinhas e de mentiras inestéticas. Porém, se já privámos muito com a maldade humana e conhecemos de perto o coração do homem, a experiência da vida dá-nos outros olhos de vista mais aguda e penetrante. E então tudo quanto a Bíblia encerra adquire uma aparência simpática — e os homens, de que nos fala, e as virtudes, que exalta, parecem-nos brinquedos feitos de propósito para entreter a nossa infantildade de adultos.

Estava agora pensando, Heliadora, nesse velhote austero que atravessava o deserto, dirigindo uma caravana a caminho da Terra da Promissão. Sim, boa amiga, pensava no Moisés.

Esse homem era, como sabes, um modelo de virtudes. Nem os teus olhos negros, nem a tua boca sensual, nem o ondear airoso do teu corpo, quebrariam nêle a pureza dos seus hábitos, nem a austeridade das suas intenções. Ele sabia da existência da Terra da Promissão. Outro indicio que não tivesse, bastar-lhe-ia a voz de Deus que ecoava na sua consciencia para iluminar-lhe o caminho verdadeiro e conduzi-lo, á frente da multidão, á Terra Prometida.

O que seria, Heliadora, a Terra de Maravilha para esse rebanho humano que se sujeitara aos calores asfixiantes do deserto, á jornada monotona sobre o areal escaldante para alcança-la? Não o sabes, talvez porque és ingénua e inexperiente. Mas sei-o eu, melhor do que a propria Bíblia.

Imagina tu: coitados, os peregrinos vinham da aridez do deserto, os lábios gretados pelo calor, as gargantas secas, as epidermes em fogo, a carne abstinentes. Que visões poderiam ter da Terra Prometida? Adivinhaste, sim. Seria uma terra onde os pomares cobrissem de sombras os relevos verdejantes, onde encontrassem nos frutos doces a frescura que satisfizesse seus paladares; as águas límpidas que lhes matassem a sede e apagassem o incendio que ardia nas suas peles; os lábios rubros das mulheres que saciassem o amor que floria nos seus labios sequiosos.

A Terra da Promissão era para aqueles castos e abstinentes, o pecado da gula, o pecado da preguiça, o pecado da luxuria. Se não fosse a visão pecaminosa que vivia como uma fera enjaulada nos seus corações, esses peregrinos não confiariam em Deus, nem suportariam o martirio de tão longa jornada através do árido deserto.

Acontece, Heliadora, que depois de muitos sacrificios e jejuns, a caravana um dia encontrou-se sem água junto duma rocha que os raios do sol haviam posto em braza. A fé no divino ente, que tudo lhes prometera, vacilou nesse instante. Moisés, o iluminado, o que recebia do ceu a inspiração que transmitia aos seus companheiros, não estava contente. No seu intimo penetrara a medo uma verdade superior: a duvida.

Era preciso beber e a natureza só mostrava aos homens a areia ardente e a rocha dura. Nem uma planta cuja seiva se sugasse, nem um pouco de musgo humido para mastigar, nem uma gota minúscula de orvalho; luz, calor, fogo, pó crepitante era tudo quanto restava aos homens para saciá-los.

Foi então que a voz de Deus se fez ouvir no coração de Moisés: «Bate nessa rocha dura — disse — e dela brotará água límpida e fresca para beber.»

Mas o Moisés era pessoa razoavel, pouco dado a fantasias de mau gosto. Não lhe parecia decente a divina brin-

HEREJE

Que tens pêna de mim por ser descrente
é o que dizes a quem quer que seja;
que contigo não entro numa igreja
e que só tu lá vais, piedosamente.

Por minha causa vives descontente,
pois temes que eu já condenado esteja
a não ganhar o ceu, bem que deseja
a todo o transe muita e muita gente.

Ganhar o ceu! Quanta loucura encerra
tal desejo que nunca me venceu,
fatal engano, ao qual eu môvo guerra.

Amas-me, sim! E não te amo eu?
Pois se eu te tenho, amor, aqui na terra,
o que me importa a mim não ir p'ra o ceu?

(INÉDITO)

1925

Bento Farid.

cadeira. Isto de se dizer a um homem sedento que a rocha contem liquido fresco para beber é abusar cruelmente da sua boa-fé. Moisés resistiu e, pela primeira vez, desconfiou da bondade do Todo Poderoso.

Porém, como o resto da multidão lhe estava confiada, entendeu, para alívio de consciencia, dever experimentar os meios mesmo inverosímeis que lhe aconselhavam, para salvá-la. E, duvidando sempre, lá foi batendo na dura rocha as pancadas decisivas.

Pois, Heliadora, por muito estranho que o caso te pareça, a verdade, manda a Bíblia que se diga, é que da rocha brotou água.

Moisés andava mal em duvidar sem razão. Deus tem nas suas mãos os destinos de todos nós; duvidar da sua força era duvidar da propria vida. E Moisés, querida Heliadora, depois de ter tido uma attitude inteligente — a duvida — foi possuído dum sentimento nobre — o arrependimento. Como vês, êle era um dos raros homens de caracter que tem passado sobre a terra.

O resto do rebanho que o acompanhava, egoista, deseja apenas de alcançar os gozos prometidos, não tinha estofos morais para suportar o pezo das responsabilidades. Foi por isso que Deus, procedendo como qualquer humano mesquinho, escolheu para alvo das suas vinganças o mais nobre, o mais puro, o mais inteligente. Foi Moisés que sofreu o divino castigo. Deus fulminou-o no dia em que a caravana ao trepar ao alto duma duna, viu ao longe a Terra da Promissão.

Mas os outros, Heliadora, os que durante todo o caminho acarinharam na alma impura as lubricas visões dos gozos imorais que disfrutariam no termo da viagem, esses entraram todos na cidade da ilusão e do prazer.

E' assim injusto e cruel, Heliadora, o bondoso ente que nos dirige. Para avaliar da sua crueldade, não ha melhor processo do que o de examinar com attenção as historias inverosímeis que a Bíblia conta para entreter e educar a nossa infantildade de adultos...

Mário Domingues

A EXPOSIÇÃO DAS ARTES DECORATIVAS

Um mundo de maravilhas! — A representação da Republica dos Soviets. — As 14 estatuas que ornaram a galeria das profissões, no Edifício Inter-Corporativo.

Foi brilhante o exito da exposição das Artes Decorativas, recentemente inaugurada em Paris, no Grand Palais.

A Exposição constitue uma grande cidade, cheia de edificios magnificos, ornada de sumptuosos jardins, pontes luminosas, estatuas de cristal, servida de telefones e iluminada profusamente.

Todos os concertos e discursos são transmitidos ao mundo inteiro por meio de comunicações radiograficas, e mais de 6.000 operarios trabalharam nos últimos dias entre os Invalidos e o Grand Palais.

Far-se-ha a volta ao mundo visitando a Exposição das Artes Decorativas; todos os musicos do Universo ali são ouvidos, e dançam-se tambem as danças de toda a Terra.

Não foram esquecidos no grande certamen as creanças que tem, cerca do Quai d'Orsay, em frente da gare dos Invalidos, uma vila de sonhos e contos de fadas.

Veem-se ali numerosos pavilhões liliputianos, que rodeiam um moinho de vento, pintado de verde e amarelo, que parece de pasta.

Os brinquedos expostos são imitações de varias coisas, diminuidas em proporção das creanças.

Ha uma pista de automoveis electricos, leões, elefantes, tigres, etc., tudo isto com decorações apropriadas, imensas... Um mundo de maravilhas.

Uma das coisas mais interessantes a ver na Exposição das Artes Decorativas é a exposição dos Soviets. Preside ao conselho artistico que a organistou e dirige, Olga Kameneff, irmã de Trotsky, esposa de Kameneff, perfeito de Moscou e vice-presidente do conselho executivo dos Soviets.

Olga Kameneff foi comissario dos teatros, por ocasião da posse dos Soviets, e delegada nos conselhos de soldados.

Interrogada por um jornalista sobre a sua missão de agora, declarou que desejava ver colaborar todos os sabios do mundo numa revista de união intelectual editada pelo governo sovietico. Até agora, acrescentou, é conhecido apenas o estilo russo, mas desconhecem-se os estilos dos povos que compõem a Russia, pois que nenhuma exposição de conjunto foi ainda organizada.

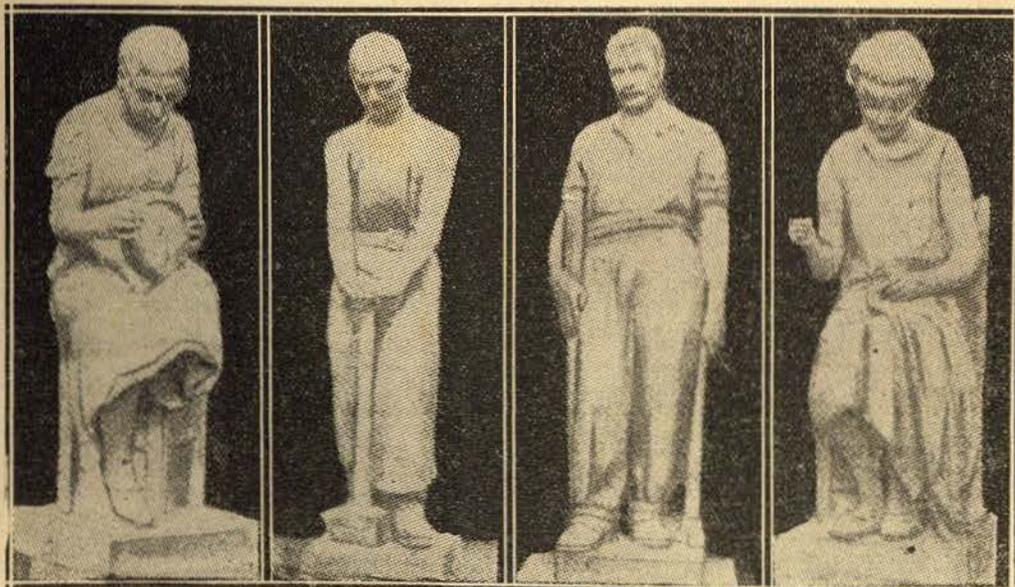
Vae se-lo agora, e ver-se-ha que as artes russas agrarias, textis, industriais, teatrais e do livro sofreram profundas transformações de ha dez anos para cá. Concorreram muito para isso os acontecimentos revolucionarios, que infundiram grandemente nas mudanças operadas.

O camponio que no seu *isba*, desenhava imagens de santos durante as noites de inverno, não abandonou, é certo, os seus processos de composição biblica, mas vae procurar os seus personagens na vida dos campos.



O jardineiro

O vidreiro



A modista

O ferreiro

O pedreiro

A costureira



O oleiro

O cinzelador

O canteiro

O relevador

A arte do livro responde ao fim que se deve ter em vista: dirige-se ás massas.

No teatro temos o cuidado de suprimir o mais possível a barreira que separa o actor do publico.

Os pintores, as industrias de luxo, já não trabalham para particulares, mas para o Estado, adaptando-se ás novas concepções que modificaram a vida russa.

Ha na exposição a que nos referimos livros editados em 20 e 30 dialectos dos povos reunidos sob o label do martelo e da fouce. Alguns desses dialectos não existiam na tradição oral, tendo sido necessario crear-lhes alfabetos, sintaxe e processo de escrita.

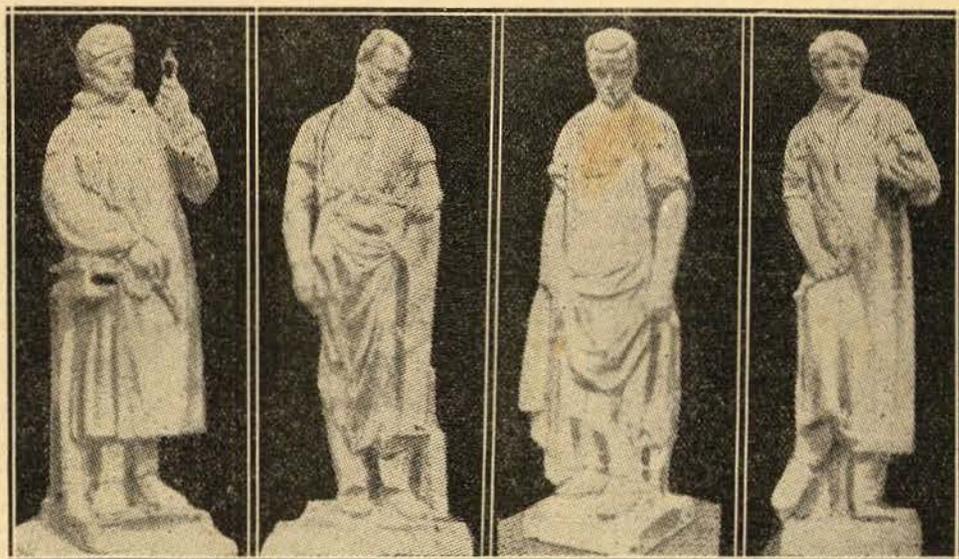
Os antigos pintores de iconos expõem caixas de rapé, cofres laqueados, onde, em atitudes de santos e de profetas, apresentam personagens caracteristicos da nova Russia. No ultimo plano, no lugar em que dantes se via o retrato do czar, colocam o de Lenine.

São curiosas as exposições relativas á ceramica, mobiliario, etc.

São de uma fantasia maravilhosa os trabalhos dos "Konstari", esculpidos em madeira e cascas de arvores.

São dignos de admiração tambem as rendas de Vologda, dos mais ricos desenhos, cháles magnificos de côr e de desenho.

Na Exposição das Artes Decorativas figura ainda, digno de especial destaque pelo que revela de sintomatico da epoca que atravessamos, em que os trabalhadores se impõem á atenção e á consideração do mundo, o Edifício Inter-corporativo, cuja galeria das profissões é ornada por catorze estatuas, cada uma delas sintetizando uma das corporações operarias que contribuíram para o conjunto da decoração. Este edificio simbolico, situado ao centro da explanada dos Invalidos, é um dos atrativos da exposição, quer pela harmonia das suas proporções, como pelo valor da sua execução.



O quinquilheiro

O marceneiro

O tapeteiro

O ourives

O LUTO-CONVENÇÃO

Origem do luto — Auto-sugestão emocional — O pesar através dos povos e das idades — O povo e a mentira do luto — O horror às cores lutuossas — O medo da morte.



REVIVESCENCIA dos ritos necrolátricos e do culto propiciatório dos mortos, o luto é, nas sociedades modernas, uma usança ridícula e dispendiosa, inútil e feia. O luto é, porém, apanágio dos povos policiados. Os selvagens, que praticam o culto dos mortos, com complicados requintes litúrgicos, desconhecem a exteriorização do pesar, por meio de alterações do seu rudimentar vestuário. Ora o selvagem é o livro aberto, onde se pode estudar a evolução dos costumes do civilizado. Quando o selvagem não pratica isto ou aquilo, o nosso antepassado primeiro, regra geral, não o praticava também.

Logo, o luto é criação da inteligência, não é grito do instinto. Poderia a primeira vista parecer que o luto — e referimo-nos à sua modalidade indumentária — era a exteriorização, a dinamização, o reflexo dum «estado de alma». O espírito compungido pelo desgosto profundo, como é o desaparecimento de um parente ou de um amigo, automaticamente imprimiria ao hábito um tom sombrio, grave e triste.

Não é, porém, assim. Neste caso do luto, o hábito é que faz o monge. Na impossibilidade de sentirmos uma dor intensa pelo desaparecimento de alguém, cuja morte, segundo as leis afectivas, deveria ser causa de profundo abalo moral, recorremos a elementos de auto-sugestão, para nos darmos as impressões que a nossa sensibilidade obliterada não pode ter normalmente. O luto é, portanto, um estimulante.

Não é, porém, assim. Neste caso do luto, o hábito é que faz o monge. Na impossibilidade de sentirmos uma dor intensa pelo desaparecimento de alguém, cuja morte, segundo as leis afectivas, deveria ser causa de profundo abalo moral, recorremos a elementos de auto-sugestão, para nos darmos as impressões que a nossa sensibilidade obliterada não pode ter normalmente. O luto é, portanto, um estimulante.

Não vamos desenvolver a teoria psicológica, que define a influencia do vestuário e dos adornos, no carácter e nas ideias. Basta acentuarmos que uma pessoa trajando luto rigoroso, despojada de adornos, adquire íntima e aparentemente uma gravidade, um compungimento, que outra vestida de cores garridas e carregada de enfeites, não pode necessariamente ter.

Assim, por via do luto, elemento de sugestão interior e exterior aparentamos — os que aparentam — e temos a ilusão de sentir — os que a têm — um desgosto absolutamente normal, feito segundo a arte, como as pilulas...

Explicada assim a necessidade do luto, fruto da inteligência, da hipocrisia, do convencionalismo, que não natural expansão do sentimento, examinemos, por alto, as diversas modalidades do luto, através das edades.

Assente já que o luto nasceu com a civilização, deixaremos de parte o culto propiciatório dos mortos, primitivo e humano, origem de todas as religiões ou pelo menos de todas as litúrgias e procuremos a artificialização desse culto, pelo luto-sugestão, pelo luto-convenção.

Para imprimir fundamente a impressão do desgosto não sentido, o homem recorreu de início a mutilações de órgãos, às tatuagens e às fustigações, que são tatuagens a curto prazo. Depois, os costumes adoçaram-se e os hebreus limitavam-se já a rasgar o vestuário ente clamores, clamores que ainda hoje sobrevivem, sendo lamentável que não sobreviva para o sexo gentil, o dilacerar das vestes, o que seria grato aos olhos cubiçosos dos que têm um culto especial pelas belezas hebreas.

No Egito, onde o culto dos mortos atingiu culminan-

cias nunca mais alcançadas, o luto propriamente limitava-se a raparem os enlutados as sobranceiras. Esta prática que muitas elegantes hoje seguem, era, ao que parece, propiciatória para a morte, sendo-o agora, com o rolar dos séculos — para o amor.

E porque não nos interessam os sacrificios, as oferendas de vidas, imoladas para acalmar os mortos, não falaremos das piras, onde se consumiam as esposas dos defuntos, na Índia, nem do sabre que se introduzia no ventre em sinal de sentimento, segundo o velho ritual do *Kara-hari* nipónico.

Vamos encontrar na Grécia, berço conhecido de tudo quanto de belo e de mau ainda existe no mundo, o luto, na sua forma atual, o luto no vestuário, o luto negro. Para dar largas ao seu sentimento, esse sentimento que era todo encaminhado no sentido do prazer, os helenos talvez por um requinte de elegancia feminina, substituíam por vestes negras, as suas tunicas e os seus mantos de estofos doces e cores claras, no dia dos funerais dos seus parentes e amigos.

Já os romanos, mais viris, consideravam o luto só uma pratica feminina e dispensavam-se de mudar de vestuário em sinal de pesar. As matronas, e essas durante um ano, pelo menos, apoz o falecimento de qualquer pessoa querida, eram obrigadas a andar sem joias e se lhes morria um filho tinham que se vestir de azul. Nem mesmo por ocasião dos grandes lutos públicos, como foi o ordenado quando da morte de Augusto, os cidadãos romanos mudaram de traje.

A Idade-Média foi pouco propicia a lutos. Os barbaros rudes e ingenuos, embora propiciando nos seus ritos os mortos, ignoravam a hipocrisia auto-sugestão do luto e difficil lhes foi, nesse ponto, assimilar as práticas dos povos vencidos.

As armaduras dos guerreiros medievais prestavam-se pouco a mudar de cor, consoante os sentimentos que os seus portadores tinham de aparentar. Os vestidos das damas eram tais que se fazia um para toda a vida e daí a impossibilidade de os substituir frequentemente. Na França, por exemplo, e a França era então quasi todo o mundo civilizado, desconheceu-se até ao século XIV o que fosse o luto. Na Península, porém, radicou-se cedo o uso de se vestirem de branco os servos e depois as donas, quando alguém da familia dos senhores morria.

Os panos brancos de dô, transformados em peças do vestuário, eram talvez a assimilação da ultima memoria do morto, uma como que integração no seu destino, a ânsia—aparente—de o acompanhar no além.

Com o branco do dô medieval começou a sarabanda das cores representativas do luto, que ainda hoje são tão diversas, consoante o são as religiões, as raças e os climas.

Aí pelo Renascimento, com o desencantar da arte e das tradições helenicas e romanicas ressurgiram alguns costumes da idade antiga, tendo-se intensificado então o uso do luto, em certas classes. Os eclesiasticos, ainda hoje são dèlle dispensados, assim como o eram os reis, e dignidades havia nas côrtes a quem era prohibido usar luto fosse por quem fosse. Foi só no século XVII, que os reis e os cardiaes começaram a substituir a purpura pelas vestes de cor violeta, em sinal de luto.

O preto, porém, subsistiu nas civilizações do occidente, entre os povos da chamada cristandade, para traduzir o pesar pelos mortos. No oriente, nos paizes de religião maometana, as cores lutuossas preferidas são o violeta e o azul, cor esta que tambem é adoptada no Japão e em certas provincias do oriente da China. Só a misteriosa Abissinia, encravada entre o occidente o oriente, com civilização distincta, com uma religião que é um misto das dominantes nos dois mundos, usa para traduzir o seu uito uma cor indecisa, vaga — o cinzento.

Não nos recordamos se Nordau incluiu o luto entre as «mentiras convencionais da civilização.» Talvez não; ela é tam evidente, que denecessario seria catalogá-la. Todos a reconhecem, mas quasi todos se obstinam em occultar esse conhecimento. Até alguns dos chamados «espíritos fortes», dèsses livre-pensadores que se entretêm a laïcizar todos os ritos, transformando nas cerimónias chamadas civicas as velhas liturgias.

A sciência positiva e experimental está vibrando a ultima machadada no culto dos mortos. Ele persiste, porém ainda e, coisa estranha, onde tem maior cunho de sinceridade é entre o povo, que não carece de criar sugestões para aparentar sentimentos. Nas classes dominantes, compreende-se a necessidade de fomentar todos os preconceitos. Entre o povo não se explica. E' contúdo o povo, que, há sessenta anos, — quando a Princeza Rattazzi visitou Portugal — não se descobria á passagem dum cadaver, como ela o notou no seu livro «Portugal à vol d'oiseau» — ou a «vão de passara» como pretendia Camilo — é esse mesmo povo que hoje, perante os ignobeis carroções que são os coches funerários, se desbarreta reverente, numa usança importada, macaqueada, ridicula. Essa cortesia para com a carne podre teria sido invenção do sr. Bernardino Machado, que tudo e todos corteja e sauda? E' possível, o que é certo é ser indigno. Quantas vezes o sordido monturo que vai aos solavancos, para a cidadela torpissima da morte, que é o cemiterio, não abrigou em vida a personalidades dum agiota ou dum frascário, dum politico ou dum assassino legal!

Voltemos, porém, ao luto, á mistificação do luto, á burla do luto.

Ninguem o toma a sério, ninguem o suporta mesmo. Algumas mulheres garridas gostam a principio do preto, que lhes realça o tom da epiderme e lhes empresta um ar de misterio seductor. Por fim a monotonia enerva-as, a obrigação de andarem durante meses, durante anos até, sempre vestidas da mesma côr, irrita-as. O segredo dos casamentos de muitas viuvinhas de fresca data está na imperiosa necessidade de mudarem de traço. Elas e a moda bem procuram disfarçar o absurdo do luto, encurtando os véus, dando transparencia aos crepes, erguendo até ao joelho a barra do vestido, pondo uma orla branca no chapeu. Tudo é de balde, porém; o preto alastra, invade-as todas, suja-as. A ponto que... ainda ha bem pouco na Itália, a viuva dum rico siciliano, senhora de 28 anos, a quem êle legára a enorme fortuna, com a condição de ella guardar o luto durante dois anos, renunciou á riqueza, sujeitou-se a todas as maledicências, ante a terrivel perspectiva de andar vestida de negro durante 24 mezes!

Graças ao bom senso de muitos e á eficaz propaganda de alguns, o luto-convenção tendo a acabar. Muitos espiritos esclarecidas pedem aos que lhes são caros que não submetam a sua memória a êsse ridiculo. Recordamo-nos agora de duas pessoas, a Dr.^a Beatriz Angelo e o General Dantas Baracho, que procederam assim.

O luto não significa nada. Pintar a côres os sentimentos intimos é uma forma de fazer simbolismo, que só deve agradar aos exhibicionistas. Quando a dôr realmente existe não precisa de panos pretos para se reflectir.

Acabemos de vez com essa, hoje absurda, revivescencia do culto dos mortos. Em boa verdade a morte não existe, é um simples estado de transição, como o somno. Para que ligar-lhe importancia? Para que propiciá-la com práticas risiveis dum ritual sedico? Para que nos deixe gozando tranquilamente a vida. Que infantilidade! Ela virá um dia, talvez amanhã, talvez agora mesmo. Que importa! Morrer é renascer. Não para o céu nem para Deus, mas para a vida, para a vida eterna, para a eterna renovação dos seres e das coisas.

O respeito pelos mortos? — simples mêdo de morrer tambem!

O luto?! Deixemo-lo para as viuvinhas galantes, que o usam como uma taboleta: — «aluga-se» ou «em liquidação.»

UMA DANÇA

Dança.

Começa devagarinho

Como as folhas do caminho

Que vão levadas no vento...

Ergue no Ar os teus braços.

E sem perder um momento,

Em passos leves, avança

Como se fosses teus passos

Gestos do teu coração.

E dança.

Bate os pés com toda a força,

Ergue a poeira do chão,

Salta, pula como a corça,

E abre um riso de creança

Na tua boca ligeira.

E dança de tal maneira

Que a gente quando te veja,

Fique alegre, como quando

Sente os sinos duma egreja

Uma aleluia tocando.

Dança.

Com tanta e tanta alegria,

Com tão grande entusiasmo

Que á tua roda se faça

Uma clareira de pasmo,

Como se nascesse o dia

Do teu rico, tua graça,

Teu coração que não cansa.

E dança,

Ondula, torce, revira,

E fas-te fumo doirado,

Sobe ligeira no Ar.

E em curvas largas, delira,

E sem rumo, sem parança,

Sempre a dançar, a dançar,

O teu corpo enfeitado,

Teu corpo que não descansa,

N'uma sagrada tontura,

N'uma sagrada harmonia,

Dança,

Rodopia, rodopia,

Na vertigem, na loucura

Do teu proprio movimento.

E mais leve do que o vento,

Mais alegre do que a luz,

A boca aberta n'um riso,

Braços abertos em cruz,

Toda em fogo a tua face

Como um grande girasol

Que avidamente buscasse

Um beijo quente, um sorriso

D'um raio d'ouro do sol,

O teu corpo que não cansa,

Florescendo em claridade,

Amôr, saude, alegria...

..Primavera... mocidade...

Rodopia, rodopia...

...Dança.

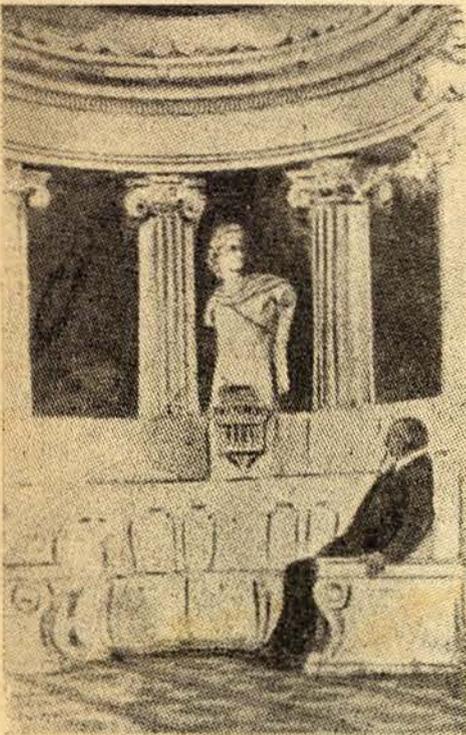


Olga Kamenef, irmã de Trotsky, mulher de Kamenef, prefeito de Moscou e vice-presidente do Conselho Executivo dos Soviets, encontra-se em Paris como presidente da delegação russa á Exposição de Artes Decorativas. Olga Kamenef, em seguida á queda de Kerenski e á posse do poder pelos Soviets, foi nomeada comissaria dos teatros e delegada dos conselhos dos soldados.



Passou no dia 12 de Maio o centenario de Henrique Saint-Simon, nascido em 17 de outubro de 1760 (Seculo XVIII) Celebrando esse facto realizou-se no dia 13, no palacio de Trocadero, uma cerimonia em que se executou pela primeira vez o *Canto dos Industriais*, de Rouget de L'Isle, autor da *Marselhesa*, e o *Hino dos caminhos de Ferro*, de Berlioz. Filho de nobres, — Saint-Simon renunciou ao seu titulo de conde — deixou a carreira militar para se lançar em

empresas industriais projectando ligar Madrid com o mar e concebendo o projecto de um canal inter-oceanico que reuniria o Atlantico ao Pacifico. Apesar da sua actividade e imaginação, morreu pobre. Saint-Simon foi um filosofo que se antecipou a Conte e a Spencer. Foi um dos impulsores da revolução hoje em acelerada marcha. O essencial da sua filosofia resume-se nesta sua original formula: a politica é a ciencia da produção. Eis o busto de Saint-Simon que foi erigido na praça Descartes, em frente da Escola Politecnica, em Paris.

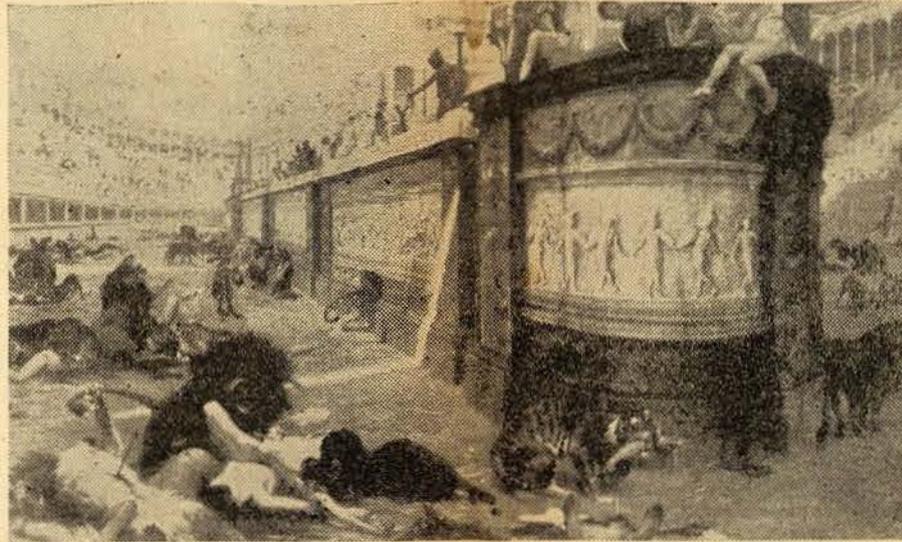


Em Roma faleceu ha pouco o grande pintor Jean Styka, autor do conhecido quadro *Tolstoi abraçando Cristo* e da *Odisseia*, cujas vinte e quatro telas foram expostas em 1923 no Salão dos Artistas Franceses. O artista, cujo ultimo retrato publicamos, foi o ilustrador do *Quo Vadis*, de Sienkiewicz. Styka foi chamado por Mussolini para pintar o seu retrato, mas faleceu sem ter concluido a tela que reproduziria a fisionomia do chefe celerado da Legião Negra.

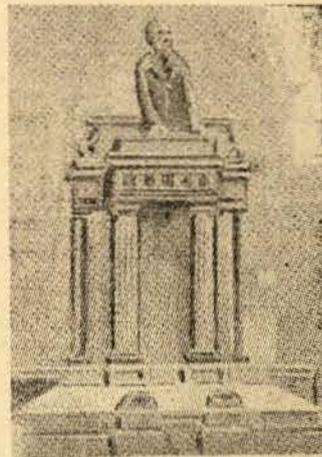


O insigne astrónomo francês Camilo Flammarion, que acaba de falecer, em Paris, conquistou um mundial renome pela feição popular que imprimiu aos seus trabalhos científicos. A ele se deve a vulgarização dos conhecimentos sobre astronomia. Era um escritor elegante, cujas apreciáveis qualidades literarias muito contribuíram para o agrado da leitura dos seus volumes. Panteista, Deus era para Flammarion a universalidade dos seres, o conjunto de tudo quanto existe. Ultimamente, dedicou-se ao espiritismo revelando-se sectario desta doutrina.

ACTUALIDADES



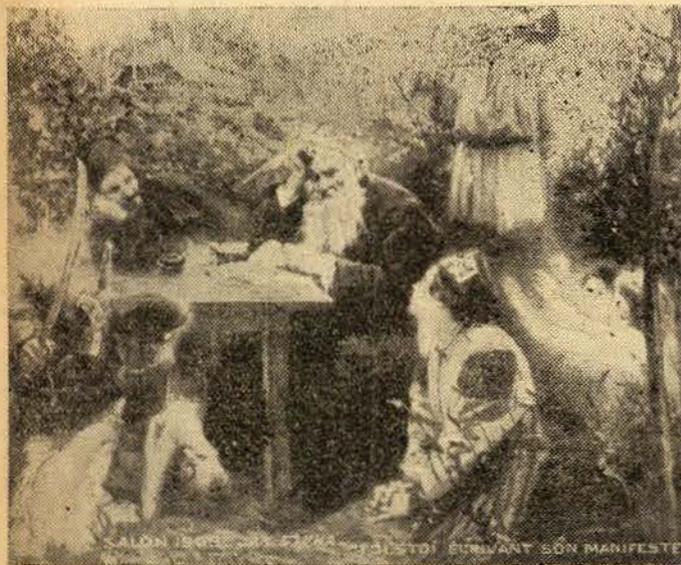
Outro quadro de Jean Styka—*Final de espectáculo no Circo de Nero*. É uma das ilustrações do *Quo Vadis* Foi exposto no Salão de Paris de 1919.



Inaugurou-se o mês passado, em Roubaix, um monumento á memoria de Jules Guesde, socialista francês de quem em português apenas existe traduzido um pequeno trabalho pregando a abolição do salariato baseado na celebre lei de Lassel, assim enunciada: «o salario medio não excederá normalmente o *tantum* de subsistencia precisa, num tempo e meio determinados, para que o operario possa viver e reproduzir-se». Não foi, porem, pela sua acção teorica no movimento operario internacional que lhe foi erigido um monumento. É que Jules Guesde foi ministro sem pasta da «união sagrada» em França, nos primeiros periodos da guerra...



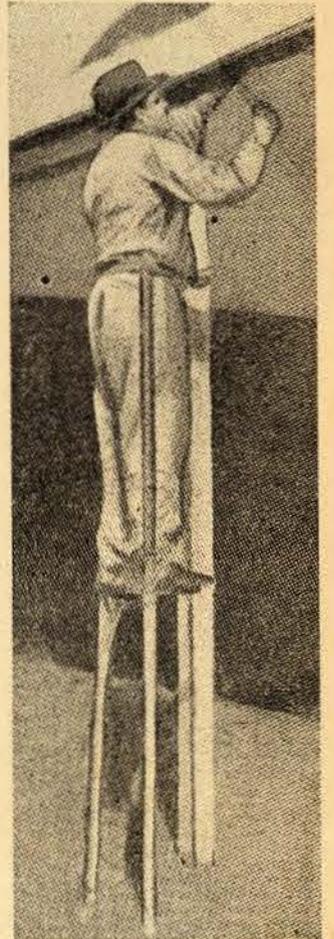
Monumento custeado e erigido pelos trabalhadores, no cemiterio de Waldheiren, em memoria dos Martires de Chicago: — os cinco libertarios condenados á morte em 11 de Novembro de 1887. Esse monumento lembra a historia da reivindicação da jornada das 8 horas de trabalho, iniciada em 1 de Maio de 1886. É de pedra layrada e a estatua é de bronze; ao pé da mulher que cobre um homem morto, estão escritas em bronze as palavras profeticas de Spies: *Um dia virá em que o nosso silencio será mais eloquente do que as vozes que agora tratais de sufocar.*



Tolstoi escrevendo o seu manifesto aos trabalhadores do seu país é um dos quadros celebres do pintor Jean Styka, recentemente falecido. É um quadro simbolico da obra do grande escritor que se vê rodeado pelos personagens dos seus romances.



A condessa de Tolstoi, sobrinha do escritor russo conde Leão Tolstoi, o anarquista cristão, que acaba de alcançar um extraordinario sucesso em uma fita cinematografica actualmente projectada em Berlim.



Processo pratico, que evita o transporte aos ombros da escada, podendo ser utilizado com vantagem na afixação de cartazes nas esquinas das ruas, e pelos forradores e decoradores de casas etc.

ANTE OS PORTICOS DO ESTIO

LUTEMOS PELAS FERIAS DOS QUE TRABALHAM!

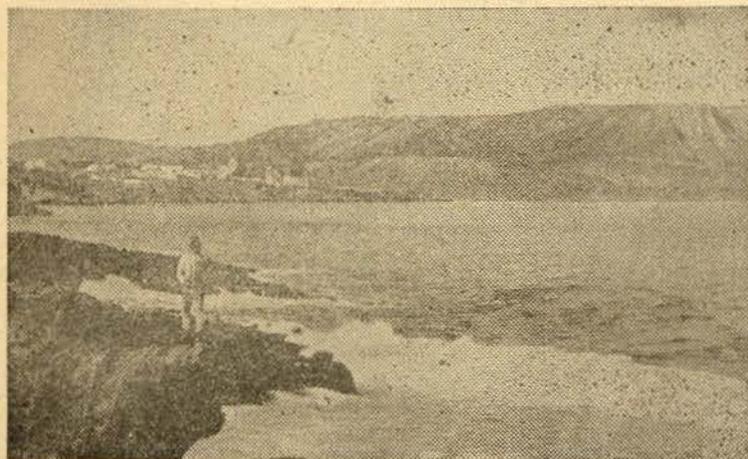


ENTRAMOS já nessa hora em que os campos floridos, dum bucolismo virgiliano, começam a ser povoados de chapéus multicores, de vultos femininos exilados das cidades.

Iniciou-se já essa hora em que as praias elegantes, onde o mar vem tecer seus folhos de espuma e entoar sua aria de eterno rebelde, se enchem de grupos numerosos, de barracas de lona, onde acampam de manhã e á tarde, deliciosas mulheres, que levam nos labios verme-

lhos o segredo do amor e nos olhos a nostalgia da distancia infinita.

E a solidão dos campos é perturbada pelo despedaçar dos cristaes do riso e á hora do crepusculo surgem



sempre perfis femininos, deambulando pelas estradas desertas e imersas na quietude da noite que se avizinha, ou debruçados nos muros das grandes quintas, contemplando o vale que vae naufragando num pelago de sombras.

E as praias deixam sua desolação invernal e estão agora alegres, voluveis, enebriadas com a musica que se desprende dos casinos e que se irmana, para logo se perder, á sinfonia heroica do mar; as praias são agora patria de flirt, eden dos que procuram na caricia das brisas marinhas um lenitivo ás agruras estiaes.

E os comboios partem sempre cheios e dir-se-hão mais contentes, mais lestos que no inverno e sua marcha tem agora um novo ritmo e sua sirene parece anunciar por todas as estações a chegada do verão e sua chaminé enche-se dum prestigio pirotecnico e povoa o ar de faúlhas, como se quizesse atrair o nosso olhar mais para cima — para o firmamento limpido e constelado.

E por toda a parte ha malas que demandam as gares, orgulhosas, satisfeitas por se exilarem enfim dos sotões onde passaram o inverno olvidadas e cobertas de pó.

E em todas as estações ha grupos familiares, ansiosos da partida; as mães anceando talvez uma ressurreição da sua belesa já outonal; as filhas, cujo coração já foi lacerado pelas flexas de Eros, sonhando o encontro do homem que ha de ser elegido e amado; as creanças, idealizando o auto desses folguedos que tem por palco a areia e por

scenario de fundo a vastidão do oceano glauco e convulso. E todas estão impacientes por que chegue a hora da partida e nesse dia o comboio parece-lhes indolente e os proprios pais, mais calmos, mais preocupados com os assuntos prosaicos da vida, dir-se-hão tambem nimbados pela ancia de ausentar-se, de procurarem na frescura do campo ou do mar um refrigerio a seus nervos fatigados.

E todos estão alegres e suas almas eglogam o verão e é para engrinaldar o estio que no campo as virgens colhem flores silvestres e se aureolam duma belesa georgica, antagonica daquela outra que as caracteriza na cidade.

E' a epoca do repouso, a epoca do veraneio, hora marcada pelas clinicas, regulada pelos relógios dos fisiologos, e os campos e as praias enchem-se de novos ritmos — e nos bosques das termas, sob o murmúrio das velhas arvores, ha sempre um par deambulando e confienciando seus anelos, através das alamedas ensombradas.

E todos os hoteis da provincia, suntuosos ou modestos, todas as casas, amplas ou pequenas, estão agora povoadas por novos inquilinos e seus aposentos já não têm aquele glacial silencio que no inverno os enchia de terror e de angustia.

O verão valorizou o campo e valorizou o mar, abriu para os olhos urbanos horizontes, dum encanto sortilego, abriu na rota de cada ano uma pausa para o descanso, para o retemperamento do corpo fatigado e do espirito exausto por miriades de preocupações; o verão surge assim como uma senda fascinadora, aberta sob um ceu de imperecivel tranquillidade, uma senda florida que se deve trilhar periodicamente.

Mas, quem trilha essa senda, logo que o sol estial projecta seus raios inclementes sobre as ruas da cidade, como se quizesse calcinar as pedras que os pés urbanos diariamente pisam?

Quem, logo que os hoteis das termas descerram suas portas, quebrando os selos que lhes apöz o inverno, nelles se vae hospedar e preambular, sobre a magia do crepusculo, nas alamedas dos bosques que os rodeiam?

Quem, logo que as searas começam a amadurecer, vergando-se para a terra num rito de mulher outonal oferecendo seus seios que já não podem ser tumidos e eretos, demanda o campo, instalando-se em alegres «chalets», e surpreendendo o ritmo das fontes, até ali só escutado por ouvidos rusticos?

Quem, logo que nos casinos surgem esses quintetos que executam tangos e «fox-trots» pela tarde e á noite, demanda as praias elegantes e se instala em seus hoteis suntuosos, em suas casas arejadas, deixando na areia, até ali só palmilhada por pescadores, o estigma de seus sapatos?

Quem enche agora os comboios, levando a aument-os as companhias ferro-carris; quem povoa agora as

estações, entre malas e creadas solitas; quem pode agora escutar, com a certeza de partir tambem, esse grito festivo que soltam as sirenes das locomotivas?

Quem, obedecendo aos cronometros clinicos, ás leis de defesa fisiologica, descança apoz o trabalho realizado nos outros mezes do ano; quem dá no estio, ao espirito, a tranquillidade perdida desde o outono á primavera?

Não são decerto — oh! dolorosa certeza que torna mais vermelhas as rosas da rebeldia e mais vivas as chagas da injustiça social! — aqueles que mais trabalharam, aqueles que mais esgotaram seu corpo e seu espirito, durante as outras estações do ano. São precisamente aqueles que não fazem mais do que expoliar o seu semelhante ou gosar a expoliação que seus antepassados fizeram; são precisamente aqueles que não conhecem as agruras dum trabalho exaustivo, permanente, devorador de todas as energias, que agora demandam a tranquillidade dos campos, os bosques das termas e a caricia das brisas marinhas.

São precisamente os que não trabalham de facto, os que não trabalham utilmente, os que não sentem nunca na fronte as perolas dum suor que seja util á colectividade, que agora descançam — que agora ampliam o descanso que gosaram durante todo o ano, durante toda a vida.

E se aqueles que trabalharam honestamente, demandam agora os campos e as praias, fazem-no cheios de preocupações, de parcimonia, sacrificando com dificeis economias os outros mezes do ano, empenhando-se para os meses futuros e nunca disfrutando a tranquillidade que o seu corpo e seu espirito exigem.

E contudo não devia ser assim: — estas ferias que os regulamentos clinicos indicam como necessarias a todos os que trabalham, estas horas que os relogios dos fisiologos marcam e exigem que sejam vividas, para todos deviam soar — para todos, menos para aqueles que hoje as escutam e que por elas hoje se regulam...

E esta exclusão devia ser feita não no desejo de ferir mas de defender o interesse dos excluidos, pois sabe-se que os textos clinicos tambem afirmam que uma longa indolencia, uma demorada inacção, é tão nefasta, mais nefasta ainda, do que um trabalho exaustivo.

Mas mesmo que essa exclusão não se faça, mesmo que os indolentes, não por condição fisica mas por condição social, continuem a disfrutar sua vida de parasitas, fazendo á luz do sol aquilo que os vermes só se aventuram a realizar na escuridão das sepulturas; mesmo que a desigualdade de regalias persista por muito tempo, não se deve deixar persistir esta feroz injustiça que inibe de descançar legitimamente, merecidamente, algumas semanas no ano, aqueles que durante todo o ano trabalharam.

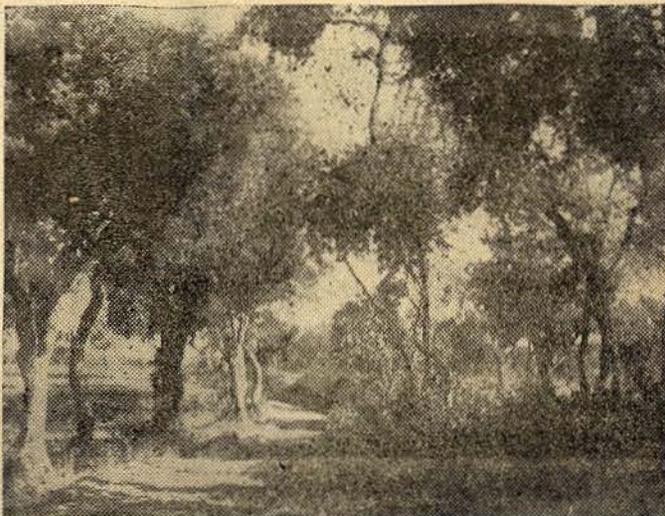
E eu não me refiro agora aqui a uma classe, mas sim a todas as classes, a todos os trabalhadores, mentaes ou manuaes, quer seu esforço provenha do braço, quer provenha do cerebro.

E eu, que trabalho, que trabalho sempre com volupia, com ardor, elegendo a pena como amante de todas as horas e a todas as horas fundindo-a no tinteiro, como num turibulo negro donde brotam, já delineadas, as espiraes de incenso de meu sonho interminavel, não defendo aqui uma conquista original, revolucionaria, não chancelada ainda por nenhum paiz.

Não defendo essa conquista, sob um ponto de vista pessoal, porque ha muito já deitei a chave do mundo exterior pela janela, como queria Zola, para ficar a sós com o trabalho — com o trabalho que é uma necessidade para a inquietude do meu espirito. Defendo essa conquista social, sob o ponto de vista colectivo, e embora me fosse grato defende-la sósinho contra tudo e contra todos, como tenho feito com tantas outras, agora tenho ao meu lado os sabios que se preocupam com o organismo

humano e os paizes que são mais humanos do que o nosso...

E não quero já argumentar com a Russia, onde as ferias de todos os trabalhadores estão estabelecidas. Não quero argumentar com a Russia, porque a burguesia internacional julga que ali são possiveis todas as originali-



dades sociais que nos outros paizes não puderam frutificar. Mas quero argumentar, legitimamente, com a Polonia e com a Belgica, em cuja legislação social estão estabelecidas as ferias anuaes de todos os que trabalham, de todos que enriquecem aqueles que nada fazem...

Quero argumentar com o Brazil, em cuja capital os empregados do comercio conseguiram já as ferias anuaes, sem redução de seus salarios. Quero argumentar com a Alemanha, a Austria, a Holanda, a Dinamarca, a Noruega e a Suecia, cujo patronato, em maioria, reconheceu a necessidade desse descanso anual, e em minoria, isoladamente — oh! triste falta de solidariedade nos gestos nobres! — já o tem concedido. Porque não se iniciar, então, em Portugal, esse mesmo movimento, esse movimento humanitario, de profundo interesse social, que em França vem sendo defendido por nomes illustres na Sciencia e nas Letras?

Todo o trabalhador necessita dum descanso anual, dumas ferias estiaes, não apenas por ele, mas pela colectividade a quem ele dá seu esforço — e dará durante muito mais tempo do que actualmente, se o seu organismo se retemperar periodicamente.

Todo o trabalhador necessita dum repouso anual — sem diminuição de salarios, para que seu espirito esteja tranquilo, para que esse descanso não seja utopico.

E quando isso se der — e para que isso se dê todos devemos lutar — o estio será verdadeiramente a estação inefavel, que levará todos os braços da fraternidade humana a engrinaldarem a vida e serão eglogados o campo e o mar, as ondas convulsas e as arvores meditativas e não mais a sirene das locomotivas deixará na alma de quem as escuta os veus da nostalgia pelas paisagens georgicas e por tudo que tem a fascinação da distancia.

Ferreira de Assis

A PEDAGOGIA DO ENCANTO

DA ALEGRIA DE VIVER



EMPRE que voltamos dum ambiente vasto, purificado no perfume das flores ou nas emanções tonificantes do mar, nossa alma plena de sugestões da vida pura, sente a angustia de retomar o contacto com a melancolia das coisas mortas, das coisas abandonadas.

Olhamos a casa e o homem, com a tristeza da contemplação dum cemiterio de vivos.

Desprende-se dos nossos habitos, da nossa existência, uma exalação de vida instinta, um amortecimento da alegria de viver.

Espanta-nos a falta de conforto, a auzencia de atractivos que nos tornem querido o logar onde se esconde o segredo das nossas horas intimas.

Confrange-nos a idéa dum ambiente que nos é hostil, porque nos grita nos seus mais insignificantes pormenores, a necessidade da fuga, a urgencia de remodelação do nosso modo de viver, que não assenta em nenhuma base duradoura, de modo a fazer-nos amar a casa onde vivemos, onde ás vezes nasceram os nossos pais.

Vivemos, em nossa casa, um ambiente que não é o nosso, que nada nos inspira, porque em nada ele participa dos nossos sentimentos, desalojados por uma obsessão continua de mudança, que nos faz sentir as agruras dum provisionismo que inspira todas as nossas emoções.

Saímos de nossas casas contrafeitos, como que evadidos, tentando procurar na rua o adormecimento que substitua a pacificação que no lar nos foi negada.

E a tristeza continua, agora mais refinada, dando a todos nós o semblante de vencidos, a configuração dum cançaso, dum tedio mumificado.

Marchamos molemente como sonambulos. Quando um incidente nos chama á vida, entramos nela com um sobressalto de estremunhados, nervosos, quasi epilepticos. Andamos aos encontrões, acotovelamo-nos nos carros, empurramo-nos, agredimo-nos quasi, num afan de chegar depressa, como se tivéssemos alguma coisa de importante a resolver.

Esta idéa, esta preocupação, tira-nos a jovialidade nos encontros, amargura todas as reuniões, como individuos torturados por um

pensamento que não permite mais nada do que segui-lo. Esse pensamento é a pesquisa inconsciente, automatica, dum bem que não encontramos, dum alegria que não vemos em ninguém, porque todos colaboram com a sua falta de educação, de energia, de caracter, neste derrotismo, neste adormecimento da alegria de viver.

A multidão nas ruas, nos cafés, nos teatros, oferece o espetáculo de um desfile de semi-mortos, de gente que não tem razão nenhuma de existir e que está condenada a viver por uma imposição cruel do destino.

Um encontro, é um desfiar de queixas, de falencias de esperanças, de projectos abandonados, envolvendo tudo numa descrença de esforço, num despeito de alegria, que faz acender olhares de admiração ante uma senhora que sabe cumprimentar com elegancia, ou um sonhador que se distrai a cantar, a rir.

Num esboço de reacção quando nos tentamos distrair, não temos motivos de beleza, preocupações elevadas, evocações de atitudes reconfortantes que nos deem a alegria da admiração da especie. Fazemos anedoctas malevolas sobre a vida dos outros, tiramos efeitos ruidosos da derrocada de sonhos, dos incidentes de uma derrota, como se os ideaes e o combate fossem manifestações de estupidez, justificativas dum riso caustico.

Este ambiente comunica-se ás creanças.

Elas marcham na rua reflectindo a tristeza que as asfixia no lar, a tristeza que se insinua em tudo, como se tudo de repente se houvesse petrificado, sob o influxo dum retraimento esmagador.

As almas encerram-se em si proprias, desconfiadas, ariscas, receosas de dar alguma coisa de si aos outros, como se nada chegasse, como se o mundo se tivesse reduzido.

Quando voltamos á natureza, ante a imensidade, a placidez do mar, e a grandeza das montanhas, pensamos no mundo, e acode-nos esta interrogação.

Mas será assim em toda a parte?

E a alegria dos outros povos, a exuberancia de flores em qualquer ruela sevilhana, o espirito de elegancia no trato social, a afabilidade, a cortezia, que dão a alegria de viver nos outros paizes, fazem-nos pensar que somos um povo atrasado, doente, sem educação social, um povo que precisa de aprender a viver, um povo que necessita absolutamente do entusiasmo de quem tenha arrojo de pensar numa grande obra de renovação, numa pedagogia de encanto...

Soterrados

NOVELA SOCIAL

POR



Edmundo F. de A.

— Lá estão eles!... Lá estão eles!

Revolvido com estas exclamações, todo o pateo até então deserto, deixando ver no seu agressivo abandono a configuração dum lugar maldito, era agora povoado por uma chusma andrajosa, emergindo como formigas do fundo obscuro de pardieiros imundos.

Ávida de sensações, amarrada ao pesadelo duma existencia monotona, subterranea, o menor incidente aguçava-lhe a curiosidade, e, precipitadamente, fazendo do pateo a continuação do lar sombrio e humido, saía de roldão, penteando-se ao ar livre, pondo fóra da porta os alguidares da roupa, a farraparia do quarto, aprestando-se para trabalhar e ouvir os ralhos e a barulheira da pancadaria em casa dos visinhos.

Bandos de garotos, arremessando mutuamente as imundicias que encobriam o pavimento esburacado, atiravam ao ar seus gritos de creanças enfezadas e perversas, esperando tambem a vez de tomar parte nas grandes açuadas com que terminavam sempre todas as zangas desta gente conflituosa.

Ao ouvir falar do José Bernardo, o rapazio e o formigueiro feminino aguardavam ansiosos a certeza duma espectacular zaragata. Mais do que nenhuma outra, a familia do José Bernardo entretinha a intriga do pateo com a fama do seu feito turbulento e chocarreiro. Raro era o dia que o pateo não fosse alvo-voado pelos gritos duma mulher espancada, pelo praguejar contraditorio duma voz possante, e pela risota coletiva das facecias e ditos equívocos arrancados pela maledicencia e pelo alcool.

— Lá estão eles!... Lá estão eles!...

Algumas mulheres que, de bilha á ilharga ou de roupa á cabeça, se preparavam para partir para o tanque ou para o chafariz, voltavam atraz, interessadas, engrossando o grupo dos curiosos.

— E agora? Que fazem eles?

A' frente, uma velha farrapeirona, encobrinho os seios num casacão do filho, impõe silencio, ao mesmo tempo que se lamenta do cansaço da vista que não a deixa espreitar a cave pela frincha da porta entreaberta.

Chegam de baixo, abafados pelos sons cavernosos de objectos rolando, rumores indistintos de gesticulações desesperadas, como se lá em baixo, na treva, um grupo de creaturas soterradas lutassem na remoção dos escombros que as esmagassem. Um redemoinhar de palavras desperas e asfixiadas chegam cá acima, como grunhidos de animal feroz. Tudo ali é confuso, misterioso, sinistro. A cave é profunda, é uma verdadeira cova, especie de toca, que converte numa animalidade de expressão a propria voz humana.

— Escuta... Deixa ouvir — grita a velha. A voz dum homem recorta-se na sombra.

— Cala-te!... Cala-te!...

— Agora!... Agora!... — Murmura a multidão satisfeita. — Deixem ouvir o que ela diz.

A voz do homem continua tropejando:

— Tu é que tens a culpa. Tu ainda has-de ser a causa de uma desgraça nesta casa.

Percebia-se que grandes murros feriam uma mesa. A mesma voz agora confusa, perdia-se no escuro, como que diluida na humidade do sub-solo. Um soluçar afflicto chegava cá acima transformado num resfolgar de animal cansado.

— E' a mulher do Bernardo — comenta a multidão.

Robustecida pela colera, volta a ouvir-se a voz do homem:

— Não posso!... Não posso mais aturar isto!... Cala-te!... Eu hei-de fugir... Eu hei-de de fugir deste inferno!... Não posso mais!...

A multidão ri, atira comentarios dum azedume recalado, porque a scena era quasi a mesma todos os dias. Breve, sensibiliza-se, e veem os reparos em que ha ainda um espirito de bisbilhotice, muito mal dissimulado:

— Mas ele não póde deixar assim os filhos, a mulher e a casa. Que se embebede está bem. Que lhe bata, ninguém tem nada com isso. Mas abandonar a casa?!...

A velha que tenta espreitar a cave, atira por fim:

— Ele foge mas é para a taberna. Daqui a bocado já ele lá está caído. Para onde querem vocês que ele fuja? Só se fugir comigo que sou uma donzela!...

Estalam gargalhadas.

Esta gente miseravel, que vive sempre de impressões fugazes comungando sem transição na dôr ou na paródia, depressa esquece a familia do Bernardo. Agora é a velha quem a destrae, com seu cinismo de mulher triturada por todas as miserias, sofrendo o peso de todas as degenerações.

— Então eu não sou uma donzela? insiste a velha. — E' porque vocês ainda não viram. Eu hei-de ir para a cova, honradinha. Com um enorme desapego de si, a velha entra a arregaçar a farraparia que lhe encobre as pernas, gritando:

— Querem ver?... Querem ver?

O rapazio pula de contente. As mulheres riem batendo com as mãos nos joelhos.

— Ora o diabo da velha! Aquilo é que ela tem graça a valer.

Adulada, vendo a atenção do pateo recaída sobre ela, a velha depressa assumiu a fatídica atitude da submissão, da humildade desgraçada que leva á mendicidade, e lamuriou na costumada pedincha:

— Quem quizer ver, ha-de ajudar a velha com alguma coisa para meter no bucho uns copitos de aguardente. Irrupem gargalhadas, comentarios irreverentes cortados pelos gestos da garotada quasi nua, até que a velha, de ouvido apurado pela bisbilhotice, bate as palmas de contente, recordando:

— Lá estão eles... Agora... Agora é que eles se pegam.

Uma voz de mulher raquitica, com grandes movimentos de braços para melhor se distinguir dentro do aglomerado, lamenta:

— Deixem ouvir o que diz a mulher do Bernardo. Ela tambem deve ter as suas razões. Desgraçada... Ele mata-a de pancada. Nem já se ouve chorar. E' capaz de a ter *estrafogado*.

O mulhierio indigna-se, gesticula revoltado. Toda a alma do pateo, passiva, escravizada, pervertida e violenta vocifera nestes dolorosos e crueis comentarios:

— Ora a mosca morta!... Naturalmente é a primeira vez que vê uma mulher apanhar lambada... Coitadinha... Lá a matava... E ela... E ela... Aquele pau de virar tripas... não *apanhava* tambem?... E já morreu?... E' o morres...

Trava-se conflito. Os rapazes trepam aos humbraes das portas para ver melhor a ondulação das cabeças e braços agitados, e gritam tambem numa furia que dá livre curso aos instintos de creanças deformadas.

Ficou o pateo em flagrante. Acode gente ás janelas, e, de cima a baixo, cruzam-se chufas, todo o entrechocar da escoria dos instintos transbordando duma vida obscura, de ignoradas revoltas, de desconhecidas dôres e ressentimentos.

Era assim, no alto, nos andares. Era assim á superficie da rua, e esta existencia, este espantoso drama, possuía ainda um sub-solo, onde a tragedia se tornava mais densa, mais impenetravel, mais animal. Desta vida subterranea, a mais tipica era a da cave do José Bernardo, especie de fossa, onde tudo se amassava num calor de estrebaria: o suor, as palavras, os gemidos e a queixa enorme do seu enorme desespero.

Nesse tumulo de vivos, foram geradas cinco creanças, bravias de membros como poltros, moles de vontade como se trouxessem apegada á alma, todo o viver agonico dos paes.

Arrebatadas pelo impeto de movimento, atraídas pelo instinto da vida procuravam por todas as formas o contacto com a luz.

O que nelas havia de humano debatia-se ferozmente com a treva, com a inercia, com o ambiente infestado da cave. Gritavam, quebravam tudo, batiam-se, mordiam-se, num odio de feras enjauladas, comprimidas.

Pouco a pouco, treinavam-se na evasão. Primeiro, safavam-se para o pateo, mas o pateo não tinha sol e lentamente foram desaparecendo no dedalo das ruas tortuosas, até que finalmente tinham dias que não voltavam a casa. Na sua ausencia, a bisbilhotice do pateo ouvia o pae bramir:

— Eu hei-de fugir!... Eu hei-de fugir deste inferno...

Afinal só os filhos desertavam. Só os filhos não podiam ficar ainda enterrados naquela cova. A vida reclamava-os, chamava-os, e eles iam ao seu encontro como podiam, guiados apenas pelo instinto. O peor é que apegado aos instintos eles levavam farrapos da treva, o espectro da cova, e esse negrume barrava-lhes o caminho, desorientava-os. Não podiam assim ir muito longe. Nada mais alcançavam do que safar-se da cova. A treva que se lhes apegara ao sangue, não lhes consentia ultrapassar os limites duma existencia miseravel. Paravam pelas praias, num derradeiro esforço de vida livre, com longes de sonho e esperanças de fortuna, atravez a floresta de mastros das embarcações ancoradas no porto.

Nada os detinha, nem os carinhos da mãe, que a meio da tarde lhes preparava café em grandes pucaros de folha e que muitas vezes não comia para lhes dar a bebida mais assucarada.

Estes pequenos selvagens, dominados pela mais violenta reacção da vida, nem a gulodice os fazia prender... Abalavam numa furia de evasão, mas acabavam, miseraveis, pelas praias em conciliabulos suspeitos com veteranos do crime, numa confraternisação de eternos fugitivos.

O pae, possuido do mesmo instinto da vida a barafustar com o habito, arrepelava-se, sacudia-se, intentando egualmente projectos de evasão. Afinal a sua fuga, eram umas lentas passadas que não iam mais além do pateo. Todo o instinto de fuga não chegava para ultrapassar a primeira taberna.

A taberna era o primeiro e ultimo refugio. Depois do praguejar violento que alvorçava todo o pateo, a corrida para a taberna era inevitavel. O pateo sabia-o muito bem. Quando se postava em frente á cave, atraído pelo ardor da disputa, ficava aguardando a saída dele, e só o abandonava, quando, tombado pelo vinho, ele ficava de braços pendentes, a cabeça sobre o peito, curvado, numa attitude grotesca de esmagamento.

Ao emergir da cave, ninguém diria ser aquele o homem que amedrontava o pateo com as scenas de violencia e os gritos de odio truculento, indomavel, espetaculoso. Apesar de membrudo, largo de hombros, atletico, os olhos traziam uma ingenua e sonhadora expressão. Anguloso de movimentos, o sorriso era brando, quebrado e triste. Abandonava a cave com a attitude resignada de quem acaba de cometer um grande sacrificio, como se as scenas de pancadaria lhe fossem uma tarefa penosa cruelmente imposta por um poder desconhecido. Reflectia-se no seu todo amachucado, a amargura intensa de submissão a essa força oculta que o impelia á brutalidade.

Esmagado, torturado, atravessava a multidão, automaticamente, como um condenado atraído para a taberna pelo mesmo poder misterioso que o fazia espancar a mulher.

Ao vê-lo assim, todos o extranhavam, mas a desfazer o espanto, a piedade, surgia logo o pae, o velho Bernardo, perfil adunco de trocista, desengonçado e audaz, o rosto avermelhado da bebedeira continua, e a boca enorme torcida na luta do riso com o fracasso. O velho era a sombra do Bernardo, sombra que o perseguia na cave, que o seguia na taberna e lhe ensombraava as occasionaes faúlhas que poderiam iluminar ainda a razão esfacleada.

Quando o velho aparecia, todo o bairro estalava em gargalhadas. A' frente poderia ter saído o Bernardo mordido de remorsos, acabrunhado por indistintos desejos de reabilitação. O pae Bernardo, como chamavam ao velho trocista, apagava com a sua presença toda a impressão de piedade, de tristeza ou de ternura.

O velho era uma caricatura viva, demolidora de todos os sentimentos nobres. Ria de tudo, esse velho bebado, especie de momo conservado em alcool. Troçava tudo de um modo comico e cruel, molhando as palavras numa toada de profeta, fazendo que os seus comentarios despertassem o riso, e fossem ao mesmo tempo terriveis de maleficios. Dominava na cave e dominava no pateo, porque os seus gracejos continham uma seductora defeza de todos os vicios, cantando o mais soberano desprezo a todos os deveres. Aquele velho maligno conservava todos os defeitos da estagnação dos tipos inferiores, dizimados pelo alcool.

Era brutal, derrotista, mandrião e embusteiro.

Todos os seus pensamentos, todas as suas attitudes, eram o reflexo dum passado longinquo de taras terriveis.

Nos seus monologos de beberrão loquaz, era a fatalidade que falava por ele. Toda a sua vida esbatia-se num passado de lendas em que polulavam historias terriveis de fugas de calabouços, assassinatos misteriosos, aventuras de contrabando e permanencias longas nos catres dos hospitaes...

O filho recolhia-o na cave por medo á sua espantosa influencia, porque, sem ele, sentia-se como que desampa-

rado. Pae Bernardo falava sempre a linguagem do desprezo por todas as preocupações. O seu riso destrutivo era um combate continuo á massada de viver dentro da regularidade.

Quando o Bernardo fugia para a taberna, ou já lá estava o velho, ou muito breve os dois ali se encontrariam. A taberna era o melhor local para se juntarem, para confraternizarem. Na taberna havia muito mais socego. Na cave era impossível conversar, transmitir affecto, descansar mesmo. A cave era o inferno povoado de fúrias, de fantasmas ameaçadores. A cave era só para o conflito, para o desespero, para o odio surdo, para a avalanche sombria de preocupações. A taberna era o apaziguamento, o calmante, o repouso reparador. A taberna era afinal o seu verdadeiro e unico lar. Sem a taberna a vida ser-lhes-hia insuportavel. Ali havia luz, mas como tudo na vida desta gente maldita, a luz cambaleava vacillante fazendo dançar grandes sombras nas paredes desconjuntadas. Era a sombra a persegui-los sempre, e sob o dominio da sombra, nem com o alcool a vontade se exacerbava. Os proprios impulsos de ancestral combatividade, amorticiam numa sonolencia de agonia.

Na taberna cessavam todas as disputas. A voz perdia o som rouco da fera agastada e adoçava-se num murmurar confuso de confissões dolorosas.

O alcool só excitava a queixa, a revolta passiva dos grandes aniquilamentos. Por vezes aquelas espeluncas davam a impressão duma velada tragica de moribundos. Metade dos bebedores dormitam esmagados, encolhidos, amarfanhados como farrapos. Em todo o ambiente corre um halito abafadiço de morte. Um vocear mais alto, o protesto estridulo dalgum recalcitrante semelha um estertor desesperado.

Quando o Bernardo e o pai mergulhavam na sombra da locanda, perdiam todo o interesse para a chusma dos curiosos. Muitos afastavam-se por medo. A dormencia suspeita da taberna, amedrontava.

E' a lei fatal. O que terrifica é o ambiente, não o homem.

O Bernardo caíra numa concentração profunda, num marasmo angustioso. E' o pai quem manda pôr os copos e pede as garrafas com o vinho. O Bernardo continua indeferente.

Não fôra o vinho que o atraíra á taberna. Ele viera impellido pela mesma força oculta que o faz bater na mulher, viêra ao encontro dum lugar onde não sentisse a influencia maldita da cova penumbrosa. Por fim acaba por beber, automaticamente, sob os rogos criminosos do velho. Para o fazer beber, o velho repete-lhe um verdadeiro sermão, e o Bernardo apezar de não ter vontade, supõe estar ouvindo a sua propria voz, convincente, seductora, diferente da violencia das imprecações.

— Eh homem!... Atira ao diabo os pensamentos, manda encher mais copos e deixa lá o resto... Não sejas tanso. Olha que assim a pensar não te embebedas. Quanto mais pensares mais vinho precisas para te pôres alegre, e o tempo não está para despezas. Primeiro bebe-se... Os pensamentos vêm depois, até sem a gente querer, e então é cada um que é capaz de fazer rir todos os juizes do tribunal. Deixa-te disso... Estás então preocupado por teres dado uns sopapos na mulher. O que perde a vocês é isso. Desatam á taponas, e depois aparecem ás mulheres como uns anginhos. No meu tempo não era assim. Não sei que ideias te estragaram e o peor é que queres escangalhar a cabeça dos rapazes. O que vale é que eles teem mais juizo do que tu. Pelo menos arranjam-se melhor, comem e bebem sem a massada dos teus conselhos... Pobres deles se dessem ouvidos... morriam de fome, depois de rebentarem de trabalho, que é o que te vem a acontecer, meu parvalhão... Deixa lá andar os rapazes. A educação dos filhos não é para nós. Nós só podemos ensina-los a ser desgraçados. Concordas ou não?... Deixando-os em liberdade ainda eles podem atinar com o caminho duma vida boa... A ti, quem te perdeu foi o juizo de tua mãe. Apanhou muita bofetada por querer meter os filhos ao trabalho e á escola, como se os rapazes fossem filhos de principes. Apezar da taponas, consegui fazer de ti um grande animal, sempre agarrado aos varaes... Deixa lá os rapazes que eles vão muito bem sem travão e sem chicote. O mais que lhes pode acontecer é irem parar á cadeia... Fazes cara? Ora não sejas parvo. Lá perdem os rapazes o credito. Ora deixa-me rir. Em que conta imaginas tu que essa gente de colarinhos tem os nossos filhos? Deixa-te de historias. Só sabem que os nossos filhos existem quando aparecem presos. Demais... tu não sabes mas sei eu. O peor calabouço é muito mais claro de que o nosso cortiço, e ali a comida vem sempre a horas. A policia não tem crises de trabalho. Enfim, perde-se a honra... Ora não sejas tão animal. Fica sabendo, creaturas como nós, tanto faz ter honra como não. Valemos sempre a mesma coisa, que é como quem diz: nunca valemos coisa nenhuma dê lá por onde dê... Então não bebes?

O Bernardo encolhia os hombros e maquinalmente, enleado, esvaseava os copos.

Todas as ideias desordenadas de fuga, todas as fermentações ocultas de revolta diluiam-se lentamente, enternecidamente, numa tristeza infinita, em que o alivio aparecia sob a forma do desabafo.



Ao emergir da cave ninguém diria ser aquele o homem que amedrontava o pateo...

(Conclue no proximo numero)

O MUNDO CURIOSO

Transmissão radiográfica

de retratos

Entre as últimas maravilhas científicas, merece especial destaque a transmissão, a distância, de fotografias e gravuras, com espontânea rapidez, sem outra ligação entre o aparelho irradiador e o da recepção que essas invisíveis ondas hertzianas, força nova que o homem amolda aos seus fins.

Ha mais de um ano, um engenheiro francês, Belin, obteve notáveis resultados com um invento que triunfou em experiências realizadas de um e outro extremo da França, para a transmissão de fotografias e gravuras por meio de conductores telegráficos.

Agora appareceu um novo aparelho, com o qual foi transmitida de Londres para Nova York, com incalculavel rapidez, uma serie de fotografias.

As sumidades scientificas que assistiram á recepção concordaram todos em que, fundamentalmente, estava resolvido o problema da transmissão a qualquer distancia, de qualquer fotografia ou gravura por intermédio das ondas hertzianas.

O novo aparelho consta, essencialmente, de uma película positiva acionada por meio de um delicado mecanismo que se encontra fixado dentro de um cilindro horizontal, iluminado interiormente; esse cilindro executa meia volta em face de uma lente que se acha unida a uma pilha foto-electrica.

O mecanismo do sistema tem por base um finissimo ponto luminoso, que sae por um minuscuro orificio feito no cilindro e que vae traçando impressões onduladas sobre a película giratoria que se acha em contacto com a luz; ao mesmo tempo, na superficie externa do cilindro, uma pena delicadissima, sincronicamente, com o movimento interno do cilindro, vae duplicando os traços sobre o papel, permitindo assim que o receptor coteje e corrija a transmissão.

As fotografias obtidas, embora algumas revelem claramente o fotografado, ainda se ressentem, no entanto, de indecisões. Entre as melhores figuram as de Chamberlain.

A teoria da relatividade

Charles Nordmann, o filosofo, conhecido autor do «Notre maître le Temps», depois de examinar todo o debate travado entre Bergson e Einstein, sobre a teoria da relatividade, resolveu intervir no assunto, pondo em linguagem clara os pontos mais obscuros e complexos em discussão.

Einstein não só apresentou uma nova definição da «simultaneidade», como contestou a definição antiga.



Fotografia de Chamberlain transmitida radiograficamente de Londres para Nova-York.

O postulado em que assenta a demonstração de Nordmann pôde ser formulado assim: logo que dois pontos pertencentes a sistemas diferentes coincidem, tudo que se manifesta instantaneamente num desses pontos se manifesta do mesmo modo no ponto correspondente ao outro sistema.

Assim, por exemplo, duas emissões luminosas instantaneamente produzidas pela mesma maneira, nas mesmas condições de tempo e de espaço, não podem sofrer distinção.

Guia deste modo o sabio suiso os leigos, e desfaz a confusão entre os fisicos e os metafisicos. Em geral confunde-se a *simultaneidade real* de dois fenomenos num sistema de referencia dado, com a *percepção simultanea* desses dois fenomenos por um observador, situado nesse sistema de referencia.

O fisico não conhece outra realidade senão a que é perceptivel, sensivel aos nossos orgãos.

Era este o ponto digno de maiores atenções, o aspecto mais interessante do conflicto intelectual travado entre os adeptos de Bergson e Einstein.

A vitória pendia inegavelmente para Einstein e seus epignos Nordmann, Maritain, Curie e outras individualidades notaveis na sciencia contemporanea — a *science en danger* de que o grande sabio suiso nos fala.

Para Bergson o papel do filosofo não é precisamente resolver, mas o de levantar problemas, apenas. O filosofo está ainda na fase inicial da sua filosofia. E' possivel, entretanto, que venha depois a solução para os problemas.

Para os bergsonistas o conhecimento é um instrumento de acção.

A teoria de Einstein sobre a relatividade abalou o mundo, constituindo-se a mais importante de quantas questões se teem agitado nos últimos tempos.

O constructor do primeiro

automovel

O cantão de Void celebrou, ha dias, o bi-centenário do primeiro constructor de automoveis, ali nascido em 1725, Nicolau José Cugnot, realisando entre outras manifestações um *rallye* internacional entre as estradas de Champagne e de Lorraine.

Cugnot que foi engenheiro militar, depois de inventar uma espingarda e ter efectuado varias obras de fortificações, construiu um automovel, movido a vapor, para uso da artilharia, que concluiu em 1769, que tinha uma marcha de 4 quilómetros à hora, ou seja a dum homem a passo ordinario, e descançava de quarto em quarto de hora, para tomar alento.

Foi esta a causa da não aceitação do seu invento. As maquinas a vapor de então, não podiam passar sem condensador, por causa das tres fracas pressões utilizadas nas caldeiras — de dois a tres quilos.

Um veiculo não podia ter condensador; portanto, o automovel a vapor era uma utopia. Um seculo depois apareciam as caldeiras leves de 10 quilos (Avião Ader), de 25 quilos (carruagens Serpolet) e actualmente 45 nas pequenas caldeiras.

Ficou o exito para os ingleses. Cugnot morreu desalentado em 1804, ano em que a primeira locomotiva se estreitava na Outra-Mancha.

Quando Cugnot efectuava em 1770 a sua primeira experiencia official, deu-se tambem o primeiro acidente de automovel. O conductor não poudo dominar o veiculo que foi de encontro a um muro do arsenal, destruindo-o.

A TODAS AS PESSOAS A QUEM
ENVIAMOS O PRESENTE NUME-
RO DESTA REVISTA E QUE A
NÃO QUEIRAM ASSINAR, PEDI-
MOS QUE NO-LA DEVOLVAM,
COM A RESPECTIVA CINTA, AN-
TES DA PUBLICAÇÃO DO NUME-
RO SEGUINTE, DE CONTRARIO
CONSIDERA-LAS-EMOS COMO
□ □ NOSSAS ASSINANTES. □ □

Renovação

REVISTA GRAFICA

DE

NOVOS HORIZONTES SOCIAIS

Arte, Literatura e Actualidades

Aparece em 1 e 15 de cada mês

Condições de assinatura:

Portugal e Espanha

3 meses 9\$00

6 18\$00

Ano 36\$00

Exterior

6 meses 21\$00

Ano 43\$00

Numero solto 1\$50

ANUNCIOS

No interior e ultima pagina da capa, ilustrados e a
côres, preços convencionais com a

ADMINISTRAÇÃO

Calçada do Combro, 38 - A - LISBOA